

# MEMÓRIA E RESISTÊNCIA

## “PALESTINA”, DE JOE SACCO

*Maria Fernanda Nogueira*

### RESUMO

Tem como tema central histórias em quadrinhos como objetos de memória e resistência, fazendo uma análise de “Palestina”, de Joe Sacco (1960). Trabalha com a perspectiva de que os quadrinhos são, enquanto produto cultural, reflexos do pensamento dos autores ou da sociedade na qual estão inseridos, podendo servir de agentes libertadores ou corroborantes às ideias hegemônicas. Reforça que, por ser uma mistura de textos e imagens, histórias em quadrinhos oferecem diversos vieses de estudo, inclusive sob as perspectivas da memória social. Afirma que a memória é uma construção, embutida no embate das relações de poder. Comenta a situação da Palestina, seu histórico, bem como o discurso discriminante ocidental em relação aos conflitos nos territórios do Oriente Médio. Analisa os depoimentos e as repressões sofridas pelos palestinos no quadrinho de Joe Sacco, apresentando como eles renegam ou coincidem com as práticas declaradas do governo israelense durante o período da Primeira Intifada (1987). Conclui que as histórias em quadrinhos, na condição de gênero único, podem aproximar a experiência do leitor ao fato ocorrido e aos agentes sociais participantes, expondo as memórias tanto dos depoentes quanto do próprio autor.

**PALAVRAS-CHAVE:** Histórias em quadrinhos. Memória Social. Palestina.

### ABSTRACT

It has comic books as objects of memory and resistance as its central topic, analyzing Joe Sacco's (1960) "Palestine". It works with the perspective that, while cultural product, comic books are reflexes of its author's thoughts or of the society they're in, may be serving as liberating or corroborative agents of the hegemonic ideas. It reinforces that, by being a mixture of images and text, comic books offer a variety of studies' biases, including under perspectives of social memory. It affirms that the memory is a construction, embedded in relations of power. It comments the Palestine's situation, its history, as well as the discriminatory occidental discourse related to the conflict in the Middle East's territories. It analyses the testimony and the repressions suffered by the Palestinians in Joe Sacco's comic, presenting how they deny or are coincident to the declared practices of Israeli's government during the period of the First Intifada (1987). It concludes that the comic books, in condition of a unique gender, may approximate the reader's experience to the occurred fact and to the participating social agents, exposing the memories of the testifier as much as of the author himself.

**KEYWORDS:** Comic books. Social Memory. Palestine.

## HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: MEMÓRIAS DE UMA SOCIEDADE

Analisar histórias em quadrinhos como objetos de memória é estabelecer, a princípio, a definição do termo. Durante muitos anos, o gênero não teve uma classificação própria, sendo, na maioria das vezes, atribuído a uma subcategoria de arte ou literatura. Will Eisner (2010) foi o primeiro a definir histórias em quadrinhos como uma hibridação desses dois elementos – ilustração e prosa – denominando-as de “arte sequencial”. Nessa hibridação, imagem e texto coexistem, em um processo onde “elementos culturais talvez mais distantes e heterogêneos uns aos outros podem ser colocados em relação. Isso produz resultados imprevisíveis” (GLISSANT, 2005, p. 26-27). O resultado imprevisível e reorganização inédita, para Eisner, estabelecem-se como:

As histórias em quadrinhos apresentam uma sobreposição de palavra e imagem, e, assim, é preciso que o leitor exerça as suas habilidades interpretativas visuais e verbais. As regências da arte (por exemplo, perspectiva, simetria, pincelada) e as regências da literatura (por exemplo, gramática, enredo, sintaxe) superpõem-se mutuamente. A leitura da história em quadrinhos é um ato de percepção estética e de esforço intelectual (2010, p. 2).

O termo por ele cunhado, no entanto, ainda é, segundo McCloud (1995), muito abrangente. O cinema e a animação, por exemplo, são dois tipos de arte que se apresentam em sequência. A fim de definir quadrinhos de forma mais específica e aprofundada, McCloud (1995, p. 9) estabelece-os como “imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou a produzir uma resposta no espectador”. Percebe-se, portanto, aferida aos quadrinhos a capacidade de conter informação e estabelecer relações interpretativas com seus leitores.

Ao longo da evolução das histórias em quadrinhos, estilos e temáticas utilizados pela arte sequencial modificaram-se em concomitância com os acontecimentos e transformações histórico-sociais. Não obstante, foram reflexo direto não somente do cenário artístico vigente, como também das condições

políticas e econômicas, e até mesmo de valores morais – tanto para sua afirmação quanto para sua negação. Estudar o desenvolvimento das histórias em quadrinhos, logo, significa estudar também o desenvolvimento da sociedade, seja pelo que foi representado ou pelo que foi ocultado das “tiras”, *comics* e *graphic novels*.

Sobre a afinidade da produção cultural com a representação da coletividade dos indivíduos e a inter-relação entre passado e presente, Said diz: “a constituição de um objeto narrativo, por mais anormal ou insólito que seja, sempre é um ato social por excelência, e como tal carrega atrás ou dentro de si a autoridade da história e da sociedade” (2011a, p. 139). Cabe aqui destacar, porém, que o caso analisado por Said (2011a) compreende unicamente objetos narrativos textuais. Com os quadrinhos há a distinção da presença da imagem, o que nos traz a necessidade de estabelecê-la também como objeto narrativo, ainda que com suas particularidades, e passível de ser resultante e possuidora de representações sociais.

De acordo com Peter Burke (2005), as imagens, durante longos anos, não foram consideradas como testemunhas históricas no âmbito das ciências humanas e sociais. Quando muito, serviam apenas de adendo, meras ilustrações da conclusão alcançada pelo meio efetivamente aceito: o texto. Parte da resistência no que diz respeito ao uso de fontes que não sejam documentos escritos é oriunda de tempos em que imagens eram injustificadamente taxadas como impróprias por sua subjetividade. Isso é devido à visão de documento como sinônimo de testemunho, de prova, indispensável para a construção da história (LE GOFF, 1990). A escrita era diretamente associada à marca de legitimidade, registro e inteligência.

O esforço das sociedades históricas para impor determinado registro da memória ao futuro é o que põe o documento/monumento<sup>1</sup> como participante do embate político da relação dialética da lembrança e do esquecimento, constituintes da memória social. Tomar determinado documento ou tipo de documento como

---

<sup>1</sup> “O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento-verdade” (LE GOFF, 1990, p. 547-548).

único fidedigno representante e mantenedor da linearidade de uma memória é estabelecer uma parcialidade dos registros do que nos faz lembrar e do que é esquecido, desconsiderando os diversos prismas que envolvem os acontecimentos. Afinal, “não seria uma força constitutiva da memória o fato de ela poder ser contestada a partir de novas perspectivas e evidências, ou a partir dos próprios espaços que ela bloqueou?” (HUYSSSEN, 2000, p. 68).

Para Said, ainda, “a maneira como formulamos ou representamos o passado molda nossa compreensão e nossas concepções do presente” (2011a, p. 36). Por conseguinte, a forma de apresentação dos contextos históricos em produtos culturais é capaz de transformar, disseminar ou evidenciar a forma como se lida com o presente, seja através dos pré-conceitos, preconceitos ou críticas que carregam. Vale considerar, portanto, o processo pelo qual o objeto final, construído e efetivado, perpassou para que pudesse ser valorado como representação de uma determinada sociedade. Quais foram as disputas de poder, por exemplo, que culminaram nos *comics underground* como símbolos dos quadrinhos dos anos 1960? Questões como essa colocam a posição dos quadrinhos como mais do que puros objetos de fruição, e estabelecem sua função na construção da memória e sua posição enquanto documentos ou documentos/monumentos.

Escolher e interrogar as histórias em quadrinhos significa reconhecer a riqueza informacional de seus elementos constituintes, tantas vezes principais motivos de sua rejeição. Le Goff (1990), ao reconstruir a visão da memória ao longo da história da humanidade, aponta a importância dada à imagem pelos gregos antigos como técnica mnemônica e caráter ativo no processo de memorização. Além da imagem, Ramos afirma que “o quadrinho condensa uma série de elementos da cena narrativa, que, por mesclarem diferentes signos, possuem um alto grau informativo” (2010, p. 90). O autor evidencia que a leitura dos quadrinhos compreende elementos e signos além das palavras e da arte em si, incluindo as formas de enquadramento, os sentidos sugeridos pela cor, os níveis da fala e a representação da oralidade, a onomatopeia e as noções de espaço e tempo.

Apesar de haver um estudo focado particularmente na relação da fotografia e do cinema – ambos meios que se utilizam de recursos visuais – com a questão da

representação da memória, muito pouco é analisado quando se trata de histórias em quadrinhos. Sobre a implicação da memória no cinema, Peixoto afirma:

[Os documentários] apresentam uma evidência verbal e visual que nos induz a lembranças de uma história da qual não participamos diretamente mas que nos ajuda a compreender o que se passou [...]. Utilizando documentos fílmicos, fotografias, desenhos e testemunhos, eles reconstroem um momento da história, falam do passado através de “personagens” que são confrontados à sua própria memória (2001, p. 173, grifo do autor).

Resultado semelhante pode ser alcançado com os quadrinhos, também dotados de um escopo verbal/textual. Apesar de distinguirem-se numa característica vital ao cinema – o movimento –, a simulação de animação feita no meio impresso não diminui a qualidade do efeito visual das histórias em quadrinhos. “Na verdade, ele proporciona aos quadrinhos a singular possibilidade de permitir a leitura de várias imagens ao mesmo tempo, ou a partir de pontos de vista diferentes, algo impossível de reproduzir no cinema” (EISNER, 2010, p. 20).

Independente da motivação e através de quais meios, o fato é que os quadrinhos, enquanto documentos, podem também servir como objeto de contestação da memória, da mesma forma que podem ser estudados como representações, resultantes de “jogos de força bastante complexos, envolvendo combinações e enfrentamentos que a todo tempo se alteram” (GONDAR, 2011, p. 23).

A primeira seção deste artigo tem como objetivo apresentar o contexto histórico que motivou a criação de “Palestina” (2011). Em seguida, realiza-se uma análise da obra em si, a fim de demonstrar como a memória social dos palestinos da época em que foi produzida – período da Primeira *Intifada* (1987) – está inserida nos elementos componentes do quadrinho. Por fim, seguem as considerações finais e as referências.

## A NAÇÃO OCUPADA

As controvérsias da criação do Estado de Israel e suas consequências para a população palestina nativa datam de 1896, com o surgimento do pensamento sionista, elaborado por Theodor Herzl (1860-1904) através do livro “Der Judenstaat” (“O Estado Judeu”). Nele, defendia a ideia de que o antissemitismo só poderia ser eliminado caso fosse criado um Estado próprio para toda a população judaica dividida pelo mundo. A esse movimento de independência estatal foi atribuído o nome de Sionismo. Sua aplicação prática ocorreu apenas em 1947, quando a Organização das Nações Unidas (ONU) gerou a Resolução nº 181, na qual realizava uma partilha das terras da Palestina: 53% foram cedidas à criação de Israel e somente os restantes 47% permaneceram sob domínio palestino. Sob o *slogan* “uma terra sem povo para um povo sem terra”, não foi considerada a maioria árabe que vivia efetivamente nas regiões que seriam doadas para a formação de um novo país. A esse respeito, Said reflete:

Aparentemente, não importava que o muçulmano atrasado tivesse seu próprio modo de vida, ao qual ele tinha direito como ser humano, ou que seu apego à terra em que vivia fosse tão grande ou talvez até maior – em virtude dos séculos de investimento na habitação real – que o dos judeus que ansiavam em seu exílio por Sião (2012, p. 34).

No curso desses eventos, organizações paramilitares sionistas como a Irgun e a Haganá, que posteriormente vieram a formar as forças militares de Israel, atuaram num embate de expulsão da população árabe das regiões prometidas à nação judaica. Sobre isso, Pappé afirma:

As ordens vieram com uma descrição detalhada dos métodos a serem usados para o desalojamento forçado das pessoas: intimidação em larga escala; cercar e bombardear vilarejos e centros populacionais; atear fogo em casas, propriedades e bens; expulsar residentes; demolir lares; e, finalmente, plantar minas nos escombros para impedir que os habitantes expulsos retornem (2006, p. 1, tradução nossa).

Desse modo, cidades israelenses foram construídas no lugar da população nativa. Os palestinos expulsos de 1947 e 1948 tornaram-se refugiados dentro de suas próprias terras (Gaza, Cisjordânia e Jerusalém Oriental) ou nos países árabes vizinhos. Sem direito a reaver os territórios perdidos ou sequer a posse de uma identidade nacional – antes de ser dividida, a Palestina estava sob Mandato Britânico<sup>2</sup> – foi criada, em 1964, a Organização para a Libertação da Palestina (OLP), que, como organização política paramilitar, visava ao retorno dos refugiados e à defesa das terras palestinas contra a ocupação.

Os objetivos da OLP, porém, não somente não se tornaram realidade como, em 1967, com a Guerra dos Seis Dias, Israel anexou a seu território partes das terras estipuladas como palestinas em 1947, expandindo os assentamentos judeus e as derrubadas de casas da população habitante. Essa movimentação agravou a situação dos palestinos refugiados, alguns tendo sido expulsos pela segunda vez de suas terras, além da discriminação sofrida pelos que permaneceram nos territórios tomados sob controle de Israel.

A situação de opressão culminou, em 1987, no que foi denominado de Primeira *Intifada*, que, em árabe, pode significar “levante” ou “revolta”. A Primeira *Intifada* foi uma manifestação da população palestina contra a ocupação israelense, não somente devido às repreensões violentas, mas também em relação às impunidades dos crimes cometidos pelo exército ocupante contra civis. Nela, palestinos de diversos campos de refugiados atiravam paus e pedras contra os militares. As retaliações foram severas, tais como:

Aumento nas ordens para soldados quebrarem ossos e cometerem outros “atos excessivos” [...]. Por volta de 50.000 palestinos foram presos durante a Intifada, muitos encarcerados em condições grotescas, frequentemente sem julgamento.

O exército destruiu os lares de mais de 3000 pessoas [...] sob o pretexto de que algum membro da família seja suspeito de jogar pedras ou algum outro crime (CHOMSKY, 1999, p. 795, tradução nossa).

---

<sup>2</sup> No período após a Primeira Guerra Mundial (1914-1948), a extinta Liga das Nações (formada por países vencedores do conflito) aprovou mandatos do Reino Unido a partes do antigo Império Otomano, entre elas a Palestina, que teve um pedaço de seu território dividido para a formação da atual Jordânia.

Foi sob essa conjectura de subjugação histórica e primeiro levante espontâneo da população contra as condições de opressão que o quadrinista Joe Sacco observou e conviveu com palestinos de cidades da Cisjordânia e da Faixa de Gaza, na época invadidas e dominadas por Israel.

Nascido em Malta, em 1960, Joe Sacco mudou-se para os Estados Unidos, onde se graduou em jornalismo pela Universidade de Oregon. Desenhava tiras de quadrinhos desde o colégio, incluindo uma série que denominou “Meet the Asshole” (“Conheça o Canalha”), cujo primeiro convidado foi, ironicamente, Yasser Arafat (1929-2004)<sup>3</sup>. Sacco afirma que “até deixar a universidade, mesmo acompanhando os jornais e noticiários na tevê, eu não fazia ideia de quem eram os palestinos ou o que almejavam com sua luta. Na verdade, [...] eu basicamente associava os palestinos ao terrorismo” (2011, p. XVI).

Em “Palestina” (2011), ao chegar a Nablus, cidade a noroeste da Cisjordânia, Sacco apresenta ao leitor seu primeiro contato com um palestino, cuja conversa de boas-vindas recai no sofrimento de seu povo sob ocupação. Rememorando, Sacco traz suas lembranças da morte de Leon Klinghoffer (1916-1985), homem de negócios e judeu norte-americano, assassinado em 1985 por membros da Frente pela Libertação da Palestina (FLP) numa viagem do cruzeiro *Achille Lauro*. O cruzeiro foi sequestrado, demandando a soltura de 50 prisioneiros palestinos de prisões israelenses e mantendo os passageiros como reféns. Ao ter o pedido de atracar em Tartus (Síria) negado, atiraram em Klinghoffer e jogaram-no ao mar.

Você tem que entender a mídia norte-americana. Eles querem interesse humano. Klinghoffer morre e o público ganha o perfil inteiro do cara, a viúva inconsolável, onde ele morava, o que comia no café da manhã... Até que ele pareça aquele seu vizinho que vive pedindo a escada emprestada. (SACCO, 2011, p. 6)

O interesse humano da mídia mencionado por Sacco nada mais é do que parte da montagem da lembrança pela sociedade, que “é intencional e se destina ao porvir” (GONDAR, 2011, p. 17). Klinghoffer (1916-1985), como cidadão norte-

---

<sup>3</sup> Antigo líder da OLP, posteriormente presidente da Autoridade Nacional Palestina (ANP).

americano e judeu, é representante da construção do que os povos ocidentais consideram digno de ser prezado em seu sofrimento. Ao contrário dos árabes palestinos, orientais, com cultura e religião muito diferentes, como Sacco observa seguidamente à sua recordação:

Se os palestinos têm afundado por décadas, se têm sido expulsos, bombardeados e chutados a torto e a direito, mesmo quando isso chegou ao jornal da noite eu nunca soube um nome ou me lembrei de um rosto, muito menos do café da manhã deles (2011, p. 8).

A ausência do mesmo interesse humano pelos palestinos, portanto, torna-se uma escolha política da memória. O fato de coletarmos e sermos apresentados a uma diversidade de dados individuais de determinados povos em detrimento a outros está intrinsecamente ligado à escolha do que conservar e do que interrogar, o que lembrar e o que esquecer. Afinal, “[nossa perspectiva conceitual] desenha um mundo possível, a vida que se quer viver e aquilo que se quer lembrar. O conceito de memória, produzido no presente, é uma maneira de pensar o passado em função do futuro que se almeja” (GONDAR, 2011, p. 17). Nesse desenvolvimento, portanto, o papel da mídia nas representações do presente/passado é evidenciado pela relação direta que possui com a visibilidade. Sobre isso, Thompson afirma:

Desde o advento da imprensa e especialmente da mídia eletrônica, lutas por reconhecimento se tornaram cada vez mais lutas pela visibilidade dentro de espaços não localizados de publicidade mediada. A luta por se fazer ouvir e ver (e impedir que os outros o façam) não é um aspecto periférico das turbulências sociopolíticas do mundo moderno; pelo contrário, está no centro dele (2012, p. 310).

Dessa forma, quando o amigo palestino de Joe Sacco, na Cisjordânia, apresenta uma mulher árabe que não recebe ajuda do governo, um jovem que tem o pai na cadeia há quatro anos, senhores que tiveram seus filhos presos ou mortos por soldados, também ele quer que “a dor de seu povo” seja posta na equação da construção da memória, almejando um futuro em que seus problemas sejam

recordados e, por conseguinte, solucionados. Em busca dessa visibilidade, da formulação de questionamentos das representações que foram estabelecidas, o palestino despede-se de Joe Sacco pedindo: “Escreve algo sobre nós? Eu lhe mostrei, você viu! Conta sobre nós?” (SACCO, 2011, p. 10).

Outros eventos ocorreram na Palestina desde a visita de Joe Sacco, tais como a Segunda *Intifada* (2000), a construção do Muro da Cisjordânia (2002), a retirada de tropas israelenses da Faixa de Gaza e os conflitos entre Fatah e Hamas. No entanto, a grande repercussão da obra “Palestina” (2011) e “um dos grandes méritos de Joe Sacco (1960) – e daí o imenso poder de seus quadrinhos – foi o de ter dado visibilidade aos árabes ‘invisíveis’” (ARBEX JR., 2011, p. XII). Dessa forma, enquanto quadrinista, conseguiu demonstrar algo que as disputas de poder na mídia não se permitiam: a vida e a memória dos palestinos sob ocupação e dominação militar, o “interesse humano”.

Para a análise de “Palestina” (2011), foram identificados e classificados temas recorrentes tratados por Joe Sacco (1960) ao longo da história em quadrinhos: depoimentos sobre a criação do Estado de Israel em 1948, violência policial e prisões, convívio entre judeus e palestinos, participação das mulheres na sociedade e partição das crianças nos conflitos. A partir desse reconhecimento e seleção dos tópicos abordados pelo próprio autor, foi realizada uma investigação comparativa entre “Palestina” (2011) e outras fontes que também descreveram o conflito da Primeira *Intifada* pelo ponto de vista dos palestinos, a fim de demonstrar as aproximações entre eles, como será demonstrado na seção a seguir.

## “PALESTINA” E AS MEMÓRIAS DA PRIMEIRA INTIFADA

No início de “Palestina” (2011), Joe Sacco relata o encontro com um idoso palestino no campo de refugiados Jabalia, situado ao norte da Faixa de Gaza, próximo à fronteira israelense. Densamente povoada, a Faixa de Gaza foi berço da criação do partido político Hamas, além de ser reconhecida pelos palestinos como a cidade onde se originou a Primeira *Intifada*. O levante espontâneo da cidade explica-se pela forte politização dos moradores, uma vez que lá ainda se encontram

muitos dos refugiados de 1948 e seus descendentes. O idoso palestino de Jabalia, por exemplo, recordou a Joe Sacco o dia de sua remoção:

Os judeus vieram e ocuparam o vilarejo e prenderam todos que ficaram para trás, inclusive meu pai, que era velho e não conseguia locomover-se... Andei por quatro dias com minha mulher, que estava grávida... O exército egípcio recusava-se a nos carregar em caminhões... Os judeus nos bombardeavam... Até as formigas corriam atrás de nós... Foi um dia negro quando deixei minha terra (2011, p. 15).

Tal depoimento confronta diretamente a historiografia oficial israelense sobre o processo de independência do Estado, que mencionou “[uma] massiva 'transferência voluntária' de centenas de milhares de palestinos que decidiram deixar seus lares e vilarejos temporariamente para abrir espaço aos exércitos árabes invasores interessados em destruir o incipiente estado judeu” (PAPPÉ, 2006, p. XIV, tradução nossa). Ao contrário, aproxima-se do que o próprio Pappé denomina como uma limpeza étnica, onde “cerca de 800.000 pessoas foram extirpadas, 531 vilarejos foram destruídos e onze bairros urbanos esvaziados de seus habitantes” (2006, p. XIII, tradução nossa).

Outras recordações do palestino de Jabalia colocaram em questão a versão da resistência armada da população nativa, exposta inclusive no Etzel Museum<sup>4</sup>, em Tel-Aviv. Responsável por manter a memória e homenagear os israelenses responsáveis pela luta pela independência, o museu apresenta os seguintes dizeres sobre a remoção de um dos vilarejos árabes, Deir Yassin, famoso por seu grande número de mortos palestinos: “Quase todas as casas do vilarejo serviram em posição de combate, e tomar controle do lugar envolveu uma luta casa-a-casa, com uso de granadas e metralhadoras de mão”. O sobrevivente, porém, afirma:

Os judeus costumavam matar os mais jovens. Eu tinha 22 anos de idade. As autoridades britânicas deram armas a eles. Nós não tínhamos direito de ter armas. Não podíamos fazer nada quando os judeus atacavam um vilarejo palestino no meio da noite... Os judeus vinham de noite e demoliam as casas enquanto as pessoas

<sup>4</sup> Acrônimo pelo qual israelenses também se referem à organização paramilitar Irgun.

dormiam... Colocavam bombas, minas nas fazendas. Vi pessoas morrerem desse jeito... Um assentamento judeu foi bombardeado, e 15 pessoas morreram... Naquela época, tínhamos que vender roupas para comprar armas. Pedimos armas para as autoridades britânicas, mas eles só nos deram quatro... Eles chegavam com armas da Irgun, vendavam os olhos das pessoas e as levavam embora... Muitas pessoas foram raptadas... inclusive o meu cunhado (SACCO, 2011, p. 225).

Para representar visualmente as memórias dos palestinos sobre o que havia ocorrido a eles, Joe Sacco menciona que “recorria às respostas da pessoa para algumas perguntas ‘visuais’ que [...] fazia, a fim de facilitar [o] posterior trabalho na ilustração do episódio” (2011, p. XXIX). Percebe-se, dessa forma, muita semelhança entre fotografias dos registros da expulsão de 1948 e os desenhos feitos por Sacco, o que demonstra a aproximação que a imagem pode trazer aos acontecimentos, lidos e percebidos diferentemente entre apenas depoimentos escritos e histórias em quadrinhos. Além das declarações dos próprios moradores, Sacco “[lançou] mão de livros e de trabalhos fotojornalísticos publicados, para os mundanos porém essenciais detalhes que não [registrou] de modo satisfatório, como modelos de carros, armas, vestimentas etc.” (2011, p. XXX).

Numa sequência de 11 páginas, Joe Sacco (2011, p. 102-113) expôs ao leitor de “Palestina” o período em que Ghassan, palestino do lado leste de Jerusalém, passou na prisão israelense. Recém-liberto há uma semana e meia, Ghassan contou em detalhes que foi levado à noite de sua casa, acusado de suspeita de pertencer a uma organização ilegal. Mesmo sem provas, permaneceu 19 dias detento, cuja maioria passou com um saco na cabeça, preso pelos pulsos a uma cadeira, com parca alimentação e sem poder dormir. Depois do quarto dia, teve alucinações. No nono dia, foi posto numa “cela pequena e escura, de 1,2 metro quadrado, cheia de urina” (SACCO, 2011, p. 111). Ao longo desse tempo, Ghassan foi levado quatro vezes à corte, que concedeu em três delas mais tempo em cárcere até que a promotoria trouxesse provas de seu pertencimento a “organizações ilegais”. Ghassan afirmou que não era membro de organização alguma.

Era comum o envolvimento dos jovens – *shebab*, em árabe – com o movimento da *Intifada*, principalmente porque foram eles os militantes que

começaram o levante. Em Jabalia, Firas, de 15 anos, afirmou a Sacco (2011) que trabalhava para a Frente Popular para a Libertação da Palestina, uma das facções da OLP, por ver nisso uma maneira de libertar seu país da opressão. Durante os confrontos, Firas já havia levado tiro e sido preso três vezes, e declarou: “Nunca penso em mais nada, só em política [...]. Se vejo os soldados de manhã, eu luto contra eles. Não vou à escola” (SACCO, 2011, p. 198). Essa relação direta da população – independentemente da localidade e de partidos políticos – com o levante palestino pode ser entendida através das visões de Pappé sobre os sentimentos dos palestinos vivendo em Israel:

Acontecimentos como a *Intifada* extraem o indivíduo de sua esfera rotineira de vida, porém mais no sentido de acordá-los para um contexto mais histórico e ideológico que explica seu predicamento do que de transformar suas vidas comuns. Para os palestinos vivendo em Israel antes, depois e durante a *Intifada*, uma atividade mundana diária era um luxo nem sempre alcançável, e certamente não assegurava imunidade do domínio da política e ideologia (2011, p. 172-173, tradução nossa).

A grande quantidade de prisioneiros palestinos também gerou questões estruturais. Em 1988, meses depois do começo da *Intifada*, Israel precisou abrir uma nova prisão, denominada Ktzi'ot – ou Ansar III, como é conhecida pelos palestinos por sua semelhança ao campo de detenção erguido por Israel no vilarejo de Ansar, durante a Guerra do Líbano – para conter todos os “suspeitos de participarem em organizações ilegais” que eram presos sem provas ou julgamento. O próprio histórico de Ansar III demonstra sua principal função de deter palestinos: aberta em 1988, como resposta à *Intifada*, foi fechada em 1995, apenas dois anos após os Acordos de Paz de Oslo (1993) e fim do movimento. Foi reaberta, ironicamente, em 2002, devido à Segunda *Intifada* (2000). Chomsky comenta sobre as condições sob as quais se encontravam os detidos:

A eles são negados água, comida, atenção médica, até mesmo oportunidade de banhar-se por muitas semanas. Eles são subjugados a punições coletivas tais como deitar com as mãos presas atrás das costas por longos períodos no excruciante sol do

deserto, serem forçados a andar em fila única com a cabeça baixa, serem negados jornais, livros, correspondência ou artigos de papelaria, ou a chance de andarem livremente ou trocar de roupas, às vezes por mais de um mês. Eles não têm nomes, somente números, parte de um esforço de criar um “senso de isolamento”, de acordo com os prisioneiros, talvez por conselho de psicólogos. Não há acusações ou revisão judicial. Famílias não são informadas de onde eles estão, porque foram presos ou por quanto tempo (1999, p. 832, tradução nossa).

Sacco dedicou parte de um capítulo de seu quadrinho especialmente para tratar de relatos de Ansar III. Três palestinos com os quais conversou, Yusef, Mohammed e Iyyad, foram presos em detenção administrativa<sup>5</sup>. Nenhum deles foi igualmente acusado de crime algum. Yusef foi preso na cadeia de Dhahriya, sul de Hebron (Cisjordânia), durante a chamada “política de ossos quebrados”, quando Yitzhak Rabin (1922-1995), então Ministro da Defesa de Israel, “ordenou suas tropas a quebrarem os ossos dos palestinos que confrontassem seus tanques com pedras durante a primeira Intifada” (PAPPÉ, 2006, p. 240, tradução nossa). Segundo ele:

Éramos vendados e algemados e eles nos batiam no ônibus. Quando saíamos, tínhamos um corredor polonês de soldados. Dois prisioneiros tiveram os braços quebrados. Então eles mandavam que fizéssemos sons de animais e imitássemos barulho de trem. Eles nos batiam até que concordássemos em fazê-lo [...]. Os primeiros dois dias em Dhahriya passei ao ar livre... então fiquei onze dias numa cela. Éramos 36 (SACCO, 2011, p. 83).

Além das torturas físicas, os prisioneiros possuíam diversas privações ao chegarem a Ansar III. No relato de Yusef, várias coincidem com as listadas anteriormente por Chomsky (1999), como “as extremas temperaturas do deserto, os insetos, um fornecimento de água tão insuficiente que era usado quase que exclusivamente para beber, uma dieta pobre e inadequada, falta de trocas de roupas, pouco cuidado médico” (SACCO, 2011, p. 85). Com o acréscimo indiscriminado de presos e o aumento de seções internas, Yusef comentou que

<sup>5</sup> “[U]m aprisionamento de seis meses imposto sem julgamento... Pode ser renovado por mais seis meses... e então mais seis meses” (SACCO, 2011, p. 82).

Ansar III “parecia uma cidade” (SACCO, 2011, p. 85), e os presos criaram sistemas de organização, que incluíam diversos comitês responsáveis pela divisão das provisões que recebiam e por encontros educacionais entre detentos. Sacco utilizou-se de métodos específicos para representar nos quadrinhos localidades e situações como essa. Segundo ele:

em algumas poucas oportunidades, pedi para desenharem as coisas que não pude ver pessoalmente. Isso foi particularmente útil no capítulo sobre Ansar III, um local impossível de visitar. Pedi para alguns ex-prisioneiros desenharem mapas, o que me permitiu reproduzir a planta daquele complexo carcerário da melhor forma possível (SACCO, 2011, p. XXX).

“Palestina” (2011) abordou também o papel das mulheres durante a *Intifada*. O levante teve uma importante significação na luta de libertação feminina, que não envolvia somente sua condição de subjugada por outro país, mas sua função dentro da própria cultura árabe. De acordo com Pappé, “ações assertivas nos direitos, vida e dignidade das mulheres andavam de mãos dadas a uma crença e determinação mais fortes para lutar pelos direitos em geral da minoria palestina” (2011, p. 252, tradução nossa). Sacco, em Hebron (Cisjordânia), conversou com feministas participantes de um dos Comitês de Ação Feminina da Federação Palestina. O trabalho delas consistia em aconselhar mulheres que sofriam abusos domésticos ou eram prejudicadas por pensamentos tradicionais do casamento islâmico. Segundo elas, “somos uma sociedade árabe do Oriente Médio... existem papéis tradicionais – uma visão antiga da mulher – que queremos mudar, mas encontramos resistência de homens e mulheres” (SACCO, 2011, p. 134).

A religião, obviamente, foi outro tópico citado em “Palestina” (2011), em especial a adesão da sociedade sob ocupação a partidos políticos islâmicos. Independente do ideal de salvação oferecido pela fé, parte da simpatia ao Hamas, por exemplo, deveu-se a uma sensação de desilusão da população com a OLP e seu principal e dominante partido, o Fatah. A liderança de Yasser Arafat (1929-2004), presidente da OLP desde 1969, começou a desapontar os palestinos devido a uma sucessão de perdas para seu povo. De acordo com Said:

Durante as duas décadas que ele liderou, os palestinos não só seguiram perdendo territórios para os assentamentos israelenses na Cisjordânia, na Faixa de Gaza e no leste de Jerusalém, como também sofreram perdas trágicas, militares e civis, na invasão de Israel no Líbano em 1982, os terríveis efeitos colaterais decorrentes dos acordos de Camp David e a crise do Golfo em 1990-1991 (2012, p. XLIII-XLIV).

Portanto, se por volta da década de 1970 o modelo de pensamento do Fatah era a maior influência política de palestinos no exílio, na Cisjordânia e na Faixa de Gaza (SAID, 2012), Sacco demonstrou que, perto do fim da Primeira *Intifada*, havia poucas esperanças dos palestinos comuns com relação à OLP. Isso se deveu, além de outros fatores, pela descrença no principal ideal do Fatah para a conquista dos direitos da população exilada: os acordos políticos com Israel. Em Balata, campo de refugiados próximo a Nablus, na Cisjordânia, Sacco relatou sobre um jovem que “diz que a maioria das pessoas de Balata apoia Al Fatah. Al Fatah apoia as negociações, portanto ele apoia as negociações... mas é cético. “A maior parte dos israelenses não quer terra por paz’, diz” (2011, p. 50, grifo do autor). Outra característica notável das posições do Fatah, o nacionalismo árabe, estava igualmente sendo colocado em questionamento. Em Nuseirat, Masud, cujo aluno de 8 anos da escola em que lecionava morreu com uma bala de borracha na cabeça, não acreditava no processo de paz. Para ele, “nós árabes apostamos no nacionalismo, mas as pessoas precisam retomar suas raízes muçulmanas. O fundamentalismo está aumentando e isso é bom. Agora é a vez do Islã” (SACCO, 2011, p. 154). Para Chomsky:

Desde os primeiros dias da Intifada, se não antes, estava ficando claro que a liderança da OLP estava perdendo seu suporte popular nos territórios ocupados. Ativistas locais de setores nacionalistas seculares, enquanto ainda reconhecendo a OLP como agente único para negociações, falavam com aberto desprezo sobre sua corrupção, jogos de poderes pessoais, oportunismo e desconsideração com os interesses e opiniões das pessoas que alegava representar (1999, p. 888, tradução nossa).

Por fim, não foram somente as ações da OLP que desencadearam as desesperanças palestinas motivadoras da *Intifada*. Outro fator crucial foi exatamente o mesmo que instigou Joe Sacco a visitar os territórios ocupados. Tratava-se da aparente ausência de preocupação internacional com os problemas que enfrentavam contra a invasão israelense. Embora anteriormente a Palestina contasse com o apoio dos países orientais da Liga Árabe<sup>6</sup>, desde os acordos de Camp David (1978), que preconizou uma negociação de relações de paz entre Egito e Israel, poucas movimentações foram realizadas que visassem ajudar o país a reaver seus territórios e conquistar sua liberdade. Acima de tudo, Said afirma que o principal medo palestino é o da negação e do esquecimento:

Até hoje [1992], o principal temor dos palestinos, e com razão, é a negação, que pode muito facilmente se tornar nosso destino. Sem dúvida, a destruição da Palestina em 1948, os anos seguintes de anonimato, a dolorosa reconstrução de uma identidade palestina exilada, os esforços políticos de muitos trabalhadores, combatentes, poetas, artistas e historiadores palestinos para sustentar a identidade nacional – tudo isso cambaleou pelo medo perturbador de desaparecer, dada a inflexível determinação oficial de Israel de acelerar o processo de redução, minimização da presença palestina, e de assegurar sua ausência como força política e humana na equação do Oriente Médio (2012, p. XXXII).

Corroborando esse temor, um advogado da Cisjordânia, Raja Shehadeh, comenta que a falha das iniciativas de paz fez com que todos os palestinos pensassem:

Nós estamos absolutamente desesperados, nós somos explorados, nós somos assediados, nossas casas são demolidas e nada está funcionando para mudar nossa situação. Não existe nenhuma solução política, ninguém de fora [para ajudar] e, ao menos que façamos nós mesmos, ninguém vai se importar (apud CHOMSKY, 1999, p. 804, tradução nossa).

---

<sup>6</sup> Organização de países árabes fundada no Cairo em 1945. Seu objetivo principal durante a criação era proteger a independência de seus países membros, que incluía os representantes palestinos.

Os mesmos sentimentos foram encontrados e reproduzidos por Joe Sacco em “Palestina” (2011).

Do ponto de vista dos colonos judeus, a perspectiva de mudança tampouco era considerada. Ao apresentar, como dito anteriormente, o palestino como um indivíduo essencialmente terrorista e Israel como um pequeno país acuada, a noção da necessidade de defesa encontrava-se muito radicada nas palavras israelenses. Muitas vezes não havia espaço, portanto, para o questionamento e a avaliação das opressões sofridas pelo outro povo, os palestinos. Num breve momento de seu quadrinho, Joe Sacco apresenta a visão de duas jovens mulheres judias de Tel-Aviv.

Uma delas, Naomi, afirmou uma primeira vez, em visita à Cidade Velha de Jerusalém, que “os árabes esfaqueiam as pessoas, sabe. Não são só histórias” (SACCO, 2011, p. 253). A outra, Paula, chegou a questionar: “Podemos confiar nos árabes? Os árabes enlouquecem. Eles já começaram outras guerras” (SACCO, 2011, p. 262-263). Nenhuma das duas, inclusive, considerava viável retornar aos palestinos a terra que ao menos era deles na partilha da ONU em 1947, correspondente a Jerusalém oriental. E Naomi, por fim, repetiu a antiga falsa premissa do melhor desenvolvimento europeu-israelense em comparação à sociedade árabe, colocando-se em dúvida sobre a viabilidade da existência de uma autonomia estatal palestina: “Mas seria viável economicamente? Eu sei que as coisas estão mal nos campos de refugiados, mas em geral as condições estão melhores para os árabes sob a ocupação do que estavam antes” (SACCO, 2011 p. 263-264).

Percebe-se, principalmente através das falas das israelenses, em contraste com as memórias dos palestinos que Joe Sacco elencou ao longo de seu quadrinho, a importância de representá-los, reproduzir suas palavras e desenhar seus rostos, o lugar onde viviam e as situações às quais são submetidos vivendo sob ocupação. Said chega a afirmar que “[é] inquestionável que suas [Joe Sacco] imagens são muito mais representativas que quaisquer outras, lidas ou vistas na televisão” (2011b, p. X). Esse fato deve-se, sobretudo, porque as imagens de Joe Sacco em “Palestina” raramente foram efetivamente mostradas na televisão. Desse

modo, o leitor da história em quadrinhos tem a possibilidade de vê-la não somente como um lazer, um discurso político ou uma reportagem, mas como efetivamente um objeto de memória. Em sua posição de documento, “Palestina” também foi fruto de uma construção, de uma disputa de poder entre a mídia ocidental e as vozes dos próprios palestinos, ansiosos ou cansados de darem seus depoimentos em busca de alguma mudança das representações às quais foram impostos. E, nesse ínterim, encontravam-se também a vontade e as memórias de Joe Sacco, que reconhece que:

Precisamos lidar com as imprecisões da memória individual, com as lembranças de cada um e, ao lidar com a escolha do que representar ou o que descartar na sua produção, acabamos relatando os acontecimentos que vimos através dos nossos olhos e por isso torna-se impossível descartar a subjetividade, ela é parte inerente ao processo (2011, p. XXX).

Através da análise dos depoimentos representados em “Palestina”, notamos que Joe Sacco não se absteve, portanto, de suas próprias memórias e observações pessoais sobre o que ouviu e viu nos territórios ocupados. Nas palavras de Said:

No mundo de Joe Sacco, não falam âncoras e apresentadores de voz macia, não há o afetado louvor à democracia, realizações e triunfos de Israel, não existem as representações, presumidas e autolegitimadas (todas elas sem qualquer base real, histórica ou social), dos palestinos como vilões fundamentalistas e subversivos cujo único objetivo é oporem-se aos pacíficos e perseguidos israelenses. O que temos em vez disso são as observações de um jovem americano médio, que parece caído de paraquedas em um inóspito mundo de ocupação militar, prisões arbitrárias, comoventes visões de lares destruídos e terras desapropriadas, de tortura (“pressão física moderada”) e força bruta, aplicadas em cruéis e generosas doses [...], aos quais os palestinos são diariamente sujeitados (2011, p. XXX).

O que se encontra detrás das observações de Sacco, no entanto, não é o costumeiro mundo imaginado das histórias em quadrinhos – que, como vimos anteriormente, também carrega suas construções. No caso de “Palestina”, há as lembranças de vários árabes de quem ninguém ouviu depoimentos antes. “Mostra o

sofrimento das mães palestinas, a ansiedade das crianças, o terror dos homens diante de um Exército formidável, poderoso e fascistoide [...]. Produz seus heróis e seus covardes, suas esperanças e suas frustrações” (ARBEX JR., 2011, p. XV). Participa da produção, acima de tudo, de sua memória.

## CONSIDERAÇÕES

Como visto ao longo do texto, as histórias em quadrinhos são, enquanto artes sequenciais híbridas de imagem e texto, uma produção cultural que remonta às próprias origens da comunicação humana. Dessa forma, estão diretamente associadas à vontade de transmitir informações e/ou produzir uma resposta na pessoa que as lê. Conseqüentemente, os quadrinhos estão apossados de um escopo social, presente desde sua idealização às interpretações que podem receber quando se tornam produtos de consumo por uma larga escala populacional.

Os quadrinhos, no entanto, raramente foram vistos como objeto de estudo, sendo condicionados à posição de literatura infantil de baixa qualidade, principalmente devido a seu caráter periódico, que culminava numa visão limitada de material de descarte. Após passarem por um longo processo de reafirmação como meio cultural e artístico, receberem espaços para exposições em museus e ganharem importantes prêmios literários, os quadrinhos também devem ser avaliados enquanto sua posição de objeto de memória.

A memória, como visto, não se restringe apenas à representação. Ao contrário, é uma construção, e está presente nas disputas e relações de poder que culminam nas produções finais, nos documentos/monumentos, aceitos e valorados pela sociedade. Deste modo, a memória é encontrada nos quadrinhos não somente através das representações que eles expõem, mas em todo o processo por detrás de sua formalização enquanto produto de consumo. As histórias em quadrinhos são capazes, inclusive, de contestar tais representações a partir de novas perspectivas, visto que é justamente seu caráter de desvalorização que lhes dão a liberdade de ir contra o pensamento hegemônico.

Joe Sacco utilizou-se dos quadrinhos para expor essas novas evidências, diferentes visões e memórias individuais dos palestinos vivendo sob ocupação israelense durante a Primeira *Intifada* (1987). Sua obra, “Palestina” (2011), também é a representação de disputas de poder. Nesse caso, participa diretamente do entrave construído pelo discurso ocidental favorável a Israel e à cultura europeia advinda dos judeus, em contraste com os árabes “atrasados”, “terroristas” e estranhos aos nossos costumes.

O quadro de opressão palestino, duradouro de trinta anos de silêncio e esquecimento, foi o que culminou na Primeira *Intifada* (1987). E, buscando trazer essas vozes caladas e esses rostos apagados da história, Joe Sacco produziu um quadrinho. “Palestina” (2011) aproximou, através da imagem e dos depoimentos, a unicidade da dor humana na Palestina, a particularidade de cada memória, fosse do oprimido ou do próprio autor. Afinal:

Sua intenção como autor foi mostrar que aquele lugar de fato existia e que isso devia ser de alguma forma reconhecido em termos humanos, o que realizou por meio de sequências narrativas com as quais qualquer leitor poderia identificar-se (SAID, 2011b, p. XI).

A identificação existe além das expressões faciais, das cenas de dor ou de cotidiano, mas se encontra também nas palavras e na transcrição da oralidade típica dos quadrinhos. Ao apresentar os palestinos por seus nomes, sofrimentos e ideologias, “Palestina” apresenta também a construção de suas memórias, que, em muitas vezes, reforçam ou questionam aquilo que foi lido e dito ao longo da ocupação dos territórios do Oriente Médio.

## REFERÊNCIAS

- ARBEX JR., José. **O jornalismo canalha**: a promíscua relação entre a mídia e o poder. São Paulo: Casa Amarela, 2003.
- BURKE, Peter. O testemunho das imagens. In: BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Santa Catarina: EDUSC, 2005. p. 11-24.
- CHOMSKY, Noam. **Fateful triangle**: the United States, Israel, and the Palestinians. London: Pluto Press, 1999.
- EISNER, Will. **Quadrinhos e arte seqüencial**: princípios e práticas do lendário cartunista. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

- GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005. (Coleção cultura, v. 1).
- GONDAR, Jô. Quatro proposições sobre memória social. In.: DODEBEI, Vera; GONDAR, Jô (Org.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra capa, 2005.
- HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- LE GOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.
- McCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 1995.
- PAPPÉ, Ilan. The ethnic cleansing of Palestine. Oxford: Oneworld, 2006. In: PAPPÉ, Ilan. **The forgotten Palestinians**: a history of the Palestinians in Israel. New Haven: Yale University Press, 2011.
- PEIXOTO, Clarice Ehlers. Memória em imagens: uma evocação do passado. In: KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (Org.). **Imagem e memória**: ensaios em antropologia visual. Rio de Janeiro: Garamond, 2001. p. 173-187.
- RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2010.
- SAID, Edward. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011a.
- SAID, Edward. Homenagem a Joe Sacco. In: SACCO, Joe. **Palestina**: edição especial. São Paulo: Conrad, 2011b. p. IX-XI.
- SAID, Edward. **A questão da Palestina**. São Paulo: Ed. Unesp, 2012.
- SACCO, Joe. **Palestina**: edição especial. São Paulo: Conrad, 2011.
- THOMPSON, John. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

## SOBRE A AUTORA

### **Maria Fernanda Nogueira**

Bibliotecária da Divisão de Manuscritos na Fundação Biblioteca Nacional.